

Desafios para a Educação em tempos de (pós)Pandemia

Empatia vs e-Empatia

Susana Fonseca, Rodrigo Teixeira, Paula Castelo Branco

#1. Ponto de partida

A educação é um elemento-chave para reduzir os riscos criados pela crise social no contexto de (pós)pandemia. Assim, a educação emocional e social, ao promover fatores como a empatia, é essencial para lidar com as graves consequências da pandemia e dos seus efeitos nas desigualdades sociais.

Pela situação de confinamento com que todos nós fomos confrontados, as relações interpessoais, inesperadamente e abruptamente, foram forçadas a deixar de ser frente a frente e presencial, para serem à distância e online. Esta mudança brusca, não prevista e não planeada, permitiu mantermos, ou iniciarmos, relações gratificantes e significativas com os outros? Permitiu manter e assegurar os direitos humanos? Continuaremos a ser cidadãos responsáveis e ativos? O diálogo, agora essencialmente à distância, possibilitou a partilha de ideias e a de estarmos recetivos a escutar os dos outros? Com toda a informação que circulava e circula online, conseguiremos perceber a perspetiva do outro e sentirmos o que ele sente?

É, exatamente, esta última questão que nos desafiou a refletir, a dialogar com outros, a procurar compreender diversos pontos de vista e a elaborar este texto, centrando-nos na capacidade de nos colocarmos no lugar do outro e suas possíveis diferenças, de estarmos disponíveis para o outro, escutarmos, compreendermos e sentirmos com o outro, presencialmente (empatia) ou à distância (e-empatia) e agirmos adequadamente às emoções do outro, através de comportamentos pró-sociais (presenciais ou à distância).

#2. Caminho

O que diz a Ciência

Um dos primeiros passos dados neste caminho, foi a realização de uma pesquisa com base em dados científicos, que pudessem já ter obtido resultados e conclusões sobre a empatia online. Verificámos que a investigação neste assunto é escassa. No entanto, num estudo sobre empatia virtual (Carrier et al., 2015) verificou-se que ficar online teve impactos negativos muito reduzidos na empatia (cognitiva e afetiva) do mundo real, e melhorou o tempo gasto na comunicação face a face. Ainda nesse estudo, a empatia virtual foi positivamente correlacionada com a empatia no mundo real (i.e., quanto maior uma, maior a outra) e verificou-se que tanto a empatia no mundo real, como no virtual estavam positivamente relacionadas com o suporte social. Os autores do referido estudo também demonstraram que passar tempo online não reduz a empatia do mundo real. Contudo, sugerem que a falta de pistas não-verbais no mundo online, possa contribuir para níveis mais baixos de empatia virtual em comparação com o mundo real. Concluímos que as pessoas podem mostrar respostas empáticas aos outros, também online.

No entanto, o crescente discurso de ódio nas redes sociais, aponta para que haja uma diferença entre os níveis de empatia online e presencial. Se, como sugere o estudo de Carrier et al. (2015), os níveis de empatia online são idênticos aos níveis de empatia no contacto presencial, então, como justificaremos, por exemplo, que haja uma diferença tão acentuada no discurso de ódio entre a interação presencial e online? Será o discurso de ódio movido pela ausência de empatia na interação online? O trabalho de Fowler, Law e Gaesser (2021) dá pistas sobre este tema: se, por um lado, o estudo conclui que mostrar empatia por todos é uma atitude moral e socialmente mais valorizada, também conclui que as pessoas tendem a ter empatia por pessoas socialmente mais próximas.

Por outro lado, é importante compreender as especificidades do contexto pandémico. No contexto pandémico, além de se reduzir significativamente o contacto presencial, este contacto não foi sempre feito com a ausência parcial de rostos. A ausência de rostos não aconteceu, de forma absoluta, no contexto online. Podemos apontar, antes, para o que possa ter sido uma alternância entre as pistas comunicacionais proporcionadas

pelas expressões faciais e as proporcionadas pelos estímulos físicos e posturais. Ou seja, se por um lado, no contacto presencial as pessoas foram privadas de uma parte significativa das expressões faciais, por outro lado, no contexto online, foram privadas das pistas não-verbais relacionadas com a postura, o toque, o cheiro e outros estímulos físicos.

Porém, talvez a questão seja mais pertinente seja se existem diferenças entre a empatia antes da pandemia e depois da pandemia. Obviamente que, na resposta a esta questão, antecipamos sérios desafios metodológicos.

Saber se existem, ou não existem, diferenças entre a empatia antes e depois da pandemia, ou entre a empatia online ou presencial, pode ser relevante do ponto de vista académico, mas do ponto de vista da prática, essa relevância pode ser limitada. **O que parece ser muito relevante é a aposta na promoção da empatia em contexto educativo**, seja no contexto online, seja no contexto presencial. Do ponto de vista da prática, a promoção da empatia no contexto educativo parece ser um caminho para um ambiente educativo saudável. Taylor et al. (2020) revelaram que a empatia, em contexto escolar, está associada a atitudes e a comportamentos pró-sociais dos adolescentes mais positivos, em relação a outros grupos na escola, com os quais têm conflitos. Assim, reforça-se a importância da promoção da empatia em contexto educativo.

O que pensamos na UBUNTU Talk

O segundo passo dado foi a discussão, partilha de conhecimentos, práticas e experiências, levada a cabo numa Ubuntu Talk*. Daí destacamos a importância da empatia, enquanto “cola que nos liga a todos”, a relevância da familiaridade e semelhança e a importância das expressões faciais na empatia.

Somos expostos a regras e valores morais que diferem de pessoa para pessoa e de grupo para grupo. Esta diversidade de valores não é negociável, contudo, a compreensão do outro, dos seus comportamentos e das suas atitudes, é um veículo para a construção de pontes entre diferentes matrizes de valores. O maior preditor das condutas de apoio ao

outro, de ajuda ao outro, da capacidade de sair do nosso caminho por causa dos outros, e, em geral, dos comportamentos pro-sociais, é a empatia, principalmente na sua dimensão emocional.

Indo de encontro às conclusões de Fowler, Law e Gaesser (2021), frisou-se que a familiaridade e a semelhança que temos com as outras pessoas, e a relação de afeto pré-existente, são muito importantes na empatia. Não somos igualmente empáticos com toda a gente e, quanto maior for a distância entre os valores, crenças, ideias e cultura de uma pessoa, ou grupo, mais difícil será ser empático. A relação de afeto pré-existente assume especial relevância na empatia online. Ou seja, já termos uma relação prévia com uma pessoa, não é a mesma coisa de não a termos, quando falamos de empatia online. Se existir uma relação prévia, será mais fácil ser empático com a pessoa, e, pelo contrário, será mais difícil ser empático com alguém que não conhecemos.

A expressão facial, sendo de especial importância na empatia, pode promover uma maior empatia na comunicação online. Quando pensamos em promover a empatia online, temos que pensar, na maximização da comunicação por videoconferência. A comunicação escrita é suscetível de interpretações diversas, ao passo que a comunicação por videoconferência permite o contacto visual com as expressões faciais. Não podemos abdicar da expressão facial e, portanto, ligar as câmaras, é fundamental. O cérebro humano está contruído para a interação cara-a-cara, embora também interprete outros sinais, pelo que o reconhecimento das expressões faciais facilita a empatia online.

De uma forma geral, para que a empatia no contexto online se mantenha em níveis do contexto presencial, será necessário manter as câmaras ligadas. Por outro lado, é importante promover o desenvolvimento de grupos de partilha online. Participar em fóruns e grupos de interesse, aproxima as pessoas de outras com interesses, crenças, ideias e matrizes de valores idênticos, ao mesmo tempo que cria a oportunidade para o encontro cara-a-cara.

Da referida Ubuntu Talk, também destacamos a importância das organizações e movimentos da sociedade civil que trabalham o papel da cultura como ativador e catalisador de experiências e temas sociais relevantes. Através da parceria com o



Para os 148 docentes que responderam, as palavras que mais se destacaram foram: *distância, criatividade, resiliência, comunicação e disponibilidade.*

Para os 40 técnicos que responderam, as palavras mais referidas foram: *distância, comunicação, solidão, isolamento e paciência.*



Para os 86 familiares de alunos que responderam, as palavras mais referidas foram: *motivação, isolamento, adaptação, concentração e resiliência.*

Os 7 assistentes que responderam, referiram a *concentração* como o maior desafio no ensino online.



O principal desafio notado por todos os participantes, independentemente do seu papel na comunidade educativa, é a distância. O distanciamento físico parece ter um impacto forte na forma como todos os elementos da comunidade educativa lidaram com o ensino online. Esta informação traz-nos a necessidade de perceber os processos pelos quais a proximidade física é importante para a relação e, especificamente, para a empatia. A comunicação, como seria de esperar, é um dos principais desafios mencionados pelos vários atores do contexto educativo. A ausência de uma grande parte das pistas comunicacionais, como as expressões faciais, a postura corporal e o contacto físico, podem contribuir para a explicação deste desafio, reiterando a importância de estudar e aprofundar estas questões. Por fim, o isolamento parece ser um fator também importante, comum aos técnicos e docentes. A possibilidade de

poderem realizar grande parte das suas funções à distância, pode ser uma hipótese para que estes grupos tenham dado importância ao isolamento. Urge a necessidade de criar estratégias para combater o isolamento de grupos profissionais, na educação, que fiquem mais isolados durante os períodos de ensino à distância.

#3. Pistas a seguir

Para nós, é evidente que os desafios para a educação em tempos de (pós)pandemia, são muitos, são diversos e são complexos. O nosso contributo não pretende ser a resposta, mas uma das respostas possíveis. Assim, procuramos antecipar o futuro, propondo um cenário em que a educação envolveria:

- diversos intervenientes – alunos, professores, funcionários e profissionais das escolas, pais, líderes escolares, membros da comunidade envolvente à escola, autoridades locais;
- a integração, no currículo escolar, da aprendizagem social e emocional e as competências de cidadania digital;
- dar voz e envolver ativamente os alunos;
- ser suporte da formação para os professores e outros membros da comunidade escolar;
- criar um ambiente escolar promotor de valores, do diálogo e de bem-estar;
- estabelecer a interconexão da escola com a comunidade em geral.

Acreditamos ser possível, em conjunto, construir esta Educação. Mas para isso precisamos de todos nós! Aceitas o desafio?